

Kremerata Baltica Gidon Kremer



17 ABRIL 2017



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VdA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA

ANGELMO
1910
Joalheiros há mais de 100 anos

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

**SANTA
CASA**
Muito mais de Lisboa. Por boas causas.

MECENAS
CICLO PIANO


pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Ciclo Grandes Intérpretes

17 DE ABRIL
SEGUNDA

21:00 — Grande Auditório

Kremerata Baltica

Gidon Kremer Violino

Philip Glass

Orphée Suite

Arranjo para violino, cordas e
percussão de Andrei Pushkarev

The Cafe

Orphée's Bedroom

Orphée and the Princess

Music Interlude

Orphée's Return

Final Scene

Franz Schubert

Fantasia em Dó maior, D. 934

Arranjo para violino e orquestra
de cordas de Victor Kissine

Andante molto

Allegretto

Andantino

Tempo I – Allegro vivace

INTERVALO

Mieczysław Weinberg

Sinfonietta n.º 2, op. 74

Allegro

Allegretto

Adagio

Andantino

Astor Piazzolla

Cuatro Estaciones Porteñas

Arranjo para violino e orquestra
de cordas de Leonid Desyatnikov

Verano Porteño

Otoño Porteño

Primavera Porteña

Invierno Porteño

Duração total prevista: c. 2h

Intervalo de 20 min.

Este concerto é gravado pela RTP – Antena 2



Philip Glass

Baltimore, 31 de janeiro de 1937

Orphée Suite

COMPOSIÇÃO: 2000 / A. Pushkarev (2016)

DURAÇÃO: c. 29 min.



PHILIP GLASS © DR

Em 1993, Philip Glass compunha *Orphée*, a primeira de três óperas inspiradas na obra de Jean Cocteau (1889-1963). De facto, Cocteau realizara, ele próprio, os filmes *Le Sang d'un Poète* (1930), *Orphée* (1950) e *Le Testament d'Orphée* (1960), que constituem uma vanguardista trilogia órfica – inspirada no mito de Orfeu –, arquétipo do poeta, do músico, do artista, capaz de desafiar a vida e a morte com a força da sua arte. A partir da ópera original e em colaboração com o pianista Paul Barnes, Glass extraiu, em 2000, a *Orphée Suite*, para piano. Esta serviria de base para o arranjo para violino, cordas e percussão (2016) de Andrei Pushkarev, percussionista da Kremerata Baltica. Seguindo a narrativa da ópera de Glass, que envolve um triângulo amoroso, o andamento inicial, *The Café*, tem lugar na década de 1950, num imaginário café parisiense, entre poetas e artistas, assumindo um estilo alusivo ao *ragtime*, cuja complexidade vai aumentando ao longo do andamento, numa analogia com o entusiasmo e bulício das discussões literárias. O segundo

andamento, *Orphée's Bedroom*, corresponde dramaturgicamente à contemplação do sono dos amantes, Orfeu e Eurídice, pela Princesa, sendo de referir a alusão à ária de Gluck, também usada por Cocteau. De seguida, a secção *Orphée and the Princess* tem início com uma progressão de acordes que simboliza o amor da Princesa por Orfeu e onde a simplicidade triádica tonal procura mimar a emotividade do momento dramático. Após um Interlúdio segue-se *Orphée's Return*, andamento onde é retratado o sacrifício da Princesa em troca do retorno de Orfeu do submundo. Na cena final, voltamos ao quarto de Orfeu que, desta feita, contempla Eurídice que dorme. Andamento melancólico e delicado, onde a tonalidade de Mi menor procurará descrever o lúgubre fim da Princesa e o reencontro de Orfeu e Eurídice. Na ópera, o relógio continua a marcar as seis horas, como se o tempo não tivesse passado, algures entre o sonho e a realidade, entre a realidade e a imaginação, numa obra plena de alusões, citações e recriações de ambientes enigmáticos.

Franz Schubert

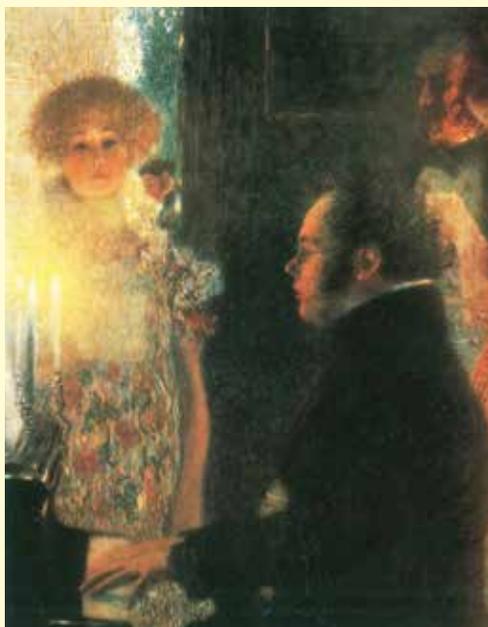
Viena, 31 de janeiro de 1797

Viena, 19 de novembro de 1828

Fantasia em Dó maior, D. 934

COMPOSIÇÃO: 1827 / V. Kissine (2016)

DURAÇÃO: c. 25 min.



FRANZ SCHUBERT, POR GUSTAV KLIMT, 1899 © DR

Schubert empenhou-se na composição de Fantasias ao longo da sua carreira, um género cujo espírito de improvisação e brilhantismo de execução permitem uma liberdade que atraiu o compositor, resultando em obras como a Fantasia “Wanderer”, D. 760 (1822) ou a Fantasia em Fá menor, D. 940, para piano a quatro mãos (1828). A Fantasia em Dó maior, D. 934, para piano e violino, data de 1827, ano da morte de Beethoven, tendo sido escrita pouco depois de *Winterreise*. O próprio Schubert viria a falecer alguns meses depois da estreia desta obra, que teria lugar a 20 de janeiro de 1828, em Viena, com interpretação do virtuoso violinista Josef Slavik e do pianista Karl Maria Bocklet, ambos músicos boémios e pertencentes ao círculo das famosas *Schubertiades*. A receção crítica da estreia não foi, contudo, a melhor, havendo referências ao facto de a obra ser demasiadamente longa, complexa, com falta de coerência formal, de difícil execução, levando ao abandono da sala por vários ouvintes. Apesar de ser construída sobre vários andamentos contrastantes, esta peça não apresenta as relações estruturais e tonais da forma sonata e deve ser

interpretada sem pausa entre as secções que, contudo, remetem para a sequência lento-rápido-lento-rápido tão familiar. O *Andante molto* inicial, em Dó maior, tem início com um *tremolo* no piano enquanto o violino entoia uma nostálgica melodia baseada em *Sei mir gegrüsst*, um *Lied* de Schubert de 1822, sobre um poema de Friedrich Rückert, que nos fala da saudação a uma memória de um amor desaparecido. O sincopado *Allegretto* seguinte, assente na tonalidade de Lá e alternando caracteristicamente entre os modos maior e menor, invoca ritmos de danças ao estilo do folclore húngaro, num cânone protagonizado pelos dois instrumentos, com um virtuosismo crescente até ao *Andantino*, em Lá bemol maior. Este constitui o âmagô da peça e retoma o tema de *Sei mir gegrüsst*, do qual partirão uma série de quatro variações, ornamentais, virtuosísticas e com um culminar de grande lirismo. Finalmente, de regresso à tonalidade nominal, em jeito de certa forma marcial, *Tempo I – Allegro vivace – Allegretto – Presto*, o tema ainda se fará sentir nesta coda que termina de forma exuberante e triunfal num *fortissimo*.

Mieczysław Weinberg

Varsóvia, 8 de dezembro de 1919

Moscovo, 26 de fevereiro de 1996

Sinfonietta n.º 2, op. 74

COMPOSIÇÃO: 1960

DURAÇÃO: c. 18 min.



MIECZYSŁAW WEINBERG © DR

De origem judaica, o compositor Mieczysław Weinberg viu-se forçado a sair da Polónia natal após a invasão nazi de 1939, deixando para trás toda a sua família, a qual acabaria por perder no Holocausto. Próximo de Chostakovitch, com quem desenvolveu uma relação de admiração mútua e que o ajudou a instalar-se em Moscovo, é inegável a afinidade estilística, estética e, inclusivamente, ética entre os dois compositores. A campanha antisemita do último período de Estaline faria ainda mais vítimas no seu círculo próximo e compor intensivamente tornou-se para Weinberg uma forma de colmatar a dívida impagável que sentia pelo privilégio de continuar vivo: “24 horas por dia, sete dias por semana”, assumindo como “um dever moral escrever sobre a guerra, sobre os horrores que recaíram sobre a humanidade”, numa tentativa obsessiva de lembrar as vítimas, tal como dava testemunho através do seu epistolário. Weinberg foi preso em fevereiro de 1953, acusado de conspiração, mas seria libertado em abril, após a intervenção de Chostakovitch e a providencial morte de Estaline, a 5 de março do mesmo ano. De algum modo, a obra de Weinberg foi abafada dentro e fora da União Soviética, sendo a sua vastíssima

produção manifestamente pouco conhecida. Inspirado sobretudo em fontes da música judaica, Weinberg criou uma obra brilhante, dedicada ao povo hebreu, procurando contudo, forçosamente, produzir música formalmente “nacional” e de “conteúdo socialista”.

Obra de 1960, a *Sinfonietta n.º 2* (que data de uma fase em que Weinberg se encontra a fazer algum experimentalismo no domínio da atonalidade e do dodecafonismo, a par com Chostakovitch) foi concebida para orquestra de câmara e tímpanos. À semelhança da *Sinfonietta n.º 1* (1948), a *Sinfonietta n.º 2* assenta em quatro andamentos compactos, *Allegro – Allegretto – Adagio – Andantino* e, tal como na restante obra de Weinberg, a imagética do programa circunda as memórias de infância, a guerra, a destruição da inocência, elementos simbolizados no material musical. De caráter grave e severo, algo meditativo, esta obra denota igualmente um sentido de humor e de ironia reveladores da grande humanidade do compositor e da busca por uma ideia de harmonia universal e unidade, a qual transparece no cuidado colocado na proporção e na clareza musical que podemos enquadrar no âmbito de uma estética neoclássica.

Astor Piazzolla

Mar Del Plata, 11 de março de 1921

Buenos Aires, 4 de julho de 1992

Cuatro Estaciones Porteñas

COMPOSIÇÃO: 1965-1970 / L. Desyatnikov (1998)

DURAÇÃO: c. 25 min.



Em 1954, Astor Piazzolla ganhava uma bolsa para estudar em Paris com Nadia Boulanger, que lhe identificou as influências de Bartók, Stravinsky e Hindemith, mas que o incentivou a dedicar-se à composição de Tango e a desenvolver a sua tão característica linguagem musical. No ano seguinte, *Piazzolla* fundava o Octeto de Buenos Aires e, mais tarde, o Quinteto Tango Nuevo, cujo estilo causou alguma resistência inicial na Argentina, apesar da aceitação alargada na Europa e nos Estados Unidos da América. Elementos da fuga e do contraponto barrocos, do jazz, dissonâncias e cromatismos, experimentalismo nas paletas orquestrais e tímbricas, caracterizam a escrita de Piazzolla e a sua abordagem ao *Tango Nuevo*. A partir de finais da década de 1980, a aceitação da música de Piazzolla nas salas de música erudita tornou-se generalizada. A génese das *Cuatro Estaciones Porteñas* tem lugar com a composição de *Verano Porteño*, em agosto de 1965, para a peça teatral *Melenita de Oro* de Alberto Rodríguez Muñoz. O compositor completou a suite em 1970, originalmente concebida para o seu quinteto que então integrava violino, piano, contrabaixo, guitarra

eléctrica e bandoneon. Alusões à música de Vivaldi encontram-se na clara escolha do título, mas também na partitura, como se revela evidente nos compassos finais de *Invierno Porteño*. Piazzolla, contudo, está sobretudo interessado nas emoções sentidas com a passagem do tempo, nas pessoas: no amor, na languidez do calor, na melancolia, na paixão.

O arranjo de Leonid Desyatnikov, já da década de 1990, procura estabelecer uma ponte ainda mais estreita com as *Quatro Estações* de Vivaldi, através da citação aberta de excertos deste e da sua conceção para violino e orquestra de cordas, o que lhe confere inegavelmente uma vertente de concerto: cada um dos andamentos organiza-se em três secções e o violino assume um brilhantismo que remete, uma vez mais, para o compositor veneziano. Salvaguardamos a ironia das citações corresponderem às diferenças sazonais entre hemisférios, em que ao Inverno do Sul (de Piazzolla) corresponde o Verão do Norte (de Vivaldi), numa obra em que imperam as mudanças abruptas de ritmo e tempo, dissonâncias, efeitos com o arco e percussivos.

NOTAS DE ROSA PAULA ROCHA PINTO

Gidon Kremer



GIDON KREMER © FIOLO PELLEGRIN – MAGNUM

O violinista Gidon Kremer é o diretor artístico e fundador da Kremerata Baltica. Guiado pela sua filosofia artística marcadamente intransigente, estabeleceu uma sólida reputação internacional como um dos artistas mais empolgantes e originais da sua geração. Para além das partituras de concerto e de câmara do repertório tradicional para o violino, Gidon Kremer interpreta obras de destacados compositores dos séculos XX e XXI, tendo estreado muitas que lhe foram dedicadas. O seu nome está intimamente ligado a compositores como Alfred Schnittke, Arvo Pärt, Giya Kancheli, Sofia Gubaidulina, Valentin Silvestrov, Luigi Nono, Edison Denisov, Aribert Reimann, Pēteris Vasks, John Adams, Victor Kissine, Michael Nyman, Philip Glass, Leonid Desyatnikov e Astor Piazzolla, cujas obras interpreta de modo a respeitar a tradição e a manter a sua vivacidade e originalidade. É justo dizer que nenhum outro artista de comparável estatura internacional fez mais para promover a causa dos compositores contemporâneos e da nova música para violino. As suas atuações regulares no Grande Auditório Gulbenkian recuam até à temporada de 1984-85. Gidon Kremer gravou mais de 120 álbuns,

muitos dos quais receberam prestigiosos prémios internacionais em reconhecimento da sua especial perspicácia interpretativa e dimensão intelectual. Uma longa lista de distinções e prémios incluem o *Ernst von Siemens Musikpreis*, a *Bundesverdienstkreuz*, o *Moscow's Triumph Prize*, o *Una Vita Nella Musica – Artur Rubinstein Prize* e o Prémio Unesco. Em 2016, Gidon Kremer recebeu um *Praemium Imperiale*, considerado por muitos como o Prémio Nobel da música. Em 1997, Gidon Kremer fundou a orquestra de câmara Kremerata Baltica com o objetivo de reunir e destacar os melhores músicos dos Estados Bálticos. As temporadas de 2016 e 2017 incluem marcantes digressões na América do Norte e na Europa para celebrar o 20.º aniversário da orquestra e o 70.º aniversário de Gidon Kremer. O agrupamento realiza digressões frequentes e gravou mais de 30 álbuns para as etiquetas Nonesuch, Deutsche Grammophon, Burleske e ECM. O CD *After Mozart* (Nonesuch, 2001) recebeu o prémio *Echo Klassik* e um *Grammy* em 2002. O CD dedicado a obras do compositor polaco Mieczysław Weinberg (ECM) foi nomeado para os prémios *Grammy* em 2015.

Kremerata Baltica



KREMERATA BALTICA © PAOLO PELLEGRINI – MAGNUM PHOTOS

Há vinte anos, Gidon Kremer criou as condições ideais para uma revolução musical. O violinista aclamado internacionalmente revelou a sua nova iniciativa no Festival de Lockenhaus, na Áustria, no verão de 1997. O nascimento da Kremerata Baltica – constituída por 23 jovens músicos da Letónia, Lituânia e Estónia – foi merecedora de uma calorosa ovação.

Desde essa altura, a orquestra tem cativado os públicos a nível internacional com empolgantes interpretações e uma imaginativa programação. O processo de evolução da orquestra foi norteado por uma dedicação absoluta à excelência e à ousadia criativa. Para além da interpretação das obras do repertório clássico, a Kremerata Baltica estreou obras de, entre outros, Lera Auerbach, Leonid Desyatnikov, Giya Kancheli, Arvo Pärt, Georgs Pēlecis, Alexander Raskatov, Valentin Silvestrov, Victor Kissine, Sofia Gubaidulina e Pēteris Vasks. O grande fôlego das suas interpretações está refletido numa discografia largamente premiada e que inclui desde a série integral dos concertos para violino de Mozart até ao Octeto de G. Enescu e ao *Tango Ballet* de A. Piazzolla, bem como primeiras gravações de música de Kancheli, Kissine e Pärt. O álbum *After Mozart* (Nonesuch) recebeu um *Grammy*

e o prémio *Echo Klassik* em 2002. Os discos dedicados a obras de G. Enescu e M. Weinberg foram também nomeados para os *Grammy*. A Kremerata Baltica apresentou-se em mais de 50 países, tendo dado mais de 1000 concertos em 600 cidades, incluindo Lisboa, na Fundação Gulbenkian, em janeiro de 1999. Apresenta-se regularmente em muitas temporadas de concertos e festivais, incluindo Schloss Neuhausen (Berlim), Schloss Elmau (Krün, Baviera) e o Festival de Música de Câmara de Lockenhaus. Recentemente o agrupamento alargou o seu âmbito em “To Russia with Love”, um concerto encenado na Philharmonie de Berlim em 2013 para promover a causa dos direitos humanos na Rússia, ou no seu mais recente projeto criativo, “Pictures from the East”, um projeto em colaboração com o artista sírio Nizar Ali Badr, dando destaque ao desesperado drama dos refugiados do Médio Oriente. Desde 2003, a Kremerata Baltica tem também o seu próprio festival na cidade de Sigulda, na Letónia. Em 2016 e 2017, a Kremerata Baltica e Gidon Kremer celebram os seus 20.º e 70.º aniversários, respetivamente, com a realização de extensas digressões nos Estados Unidos da América e na Europa.

Kremerata Baltica

Gidon Kremer Direção Artística

VIOLINOS I

Dzeraldas Bidva *Concertino*

Madara Petersone

Dainius Peseckas

Agata Daraskaite

Aliona Rachitchi

Ulijona Pugaciukaite

VIOLINOS II

Andrei Valigura *

Dainius Puodziukas *

Marie Helen Aavakivi

Lina Domarkaite

Konstantins Paturskis

Ieva Puodziuke

VIOLAS

Santa Vizine *

Zita Zemovica

Vidas Vekerotas

Ingars Girnis

VIOLONCELOS

Giedre Dirvanauskaite *

Peteris Cirksis

Peteris Sokolovskis

Janis Rinkulis

CONTRABAIXOS

Iurii Gavryliuk *

Anton Zhukov

PERCUSSÕES

Andrei Pushkarev

* chefs de naípe

20 + 21 Abril

QUINTA, 21:00 / SEXTA, 19:00

Gautier Capuçõn

Orquestra
Gulbenkian



GULBENKIAN
MÚSICA

GULBENKIAN.PT

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO FIANGO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



4 + 5 Maio

QUINTA, 21:00 / SEXTA, 19:00

Morte e Transfiguração

**Coro e Orquestra
Gulbenkian**

Susanna Mälkki



**GULBENKIAN
MÚSICA**

GULBENKIAN.PT

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



12 Maio
SEXTA, 19:00

Karita Mattila

**O regresso
da Diva**



**GULBENKIAN
MÚSICA**

GULBENKIAN.PT

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



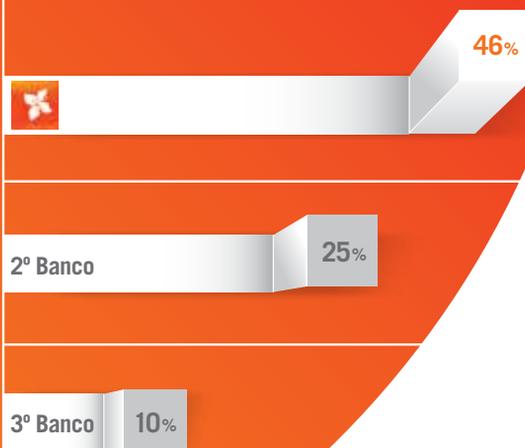
BANCO DE CONFIANÇA.



BPI é Marca de Confiança na Banca pelo 3º ano consecutivo.

O BPI foi reconhecido como a marca bancária de maior confiança em Portugal, de acordo com o estudo Marcas de Confiança que as Selecções do Reader's Digest organizam há 16 anos em 10 países. O nível de confiança do BPI subiu de 39% para 46%, registando o melhor resultado alguma vez alcançado em todo o sistema financeiro português desde o lançamento do estudo em 2001. O BPI agradece este voto de confiança e tudo fará para continuar a merecê-lo.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO
AH-HA

TIRAGEM
400 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Abril 2017

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

GULBENKIAN.PT